

# **O OLHAR DAS PROFISSIONAIS SOBRE SUAS INTERVENÇÕES E REPERCUSSÕES NA DINÂMICA DE VIDA DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

## **THE PROFESSIONAL VIEW REGARDING INTERVENTION AND ITS REPERCUSSIONS WITHIN THE LIFE DYNAMICS OF WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC VIOLENCE**

### **Resumo**

O presente artigo busca discutir e compreender a repercussão das ações desenvolvidas nos serviços de atenção ONG SOS Ação Mulher e Família e no Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO, da cidade de Campinas/SP, Brasil, na dinâmica de vida da mulher vítima de violência doméstica, sob o olhar das profissionais de ambas as instituições. Esse estudo procura mostrar o olhar das técnicas sobre suas ações e intervenções aplicadas junto às vítimas de violência doméstica, avaliando seus impactos diretamente na dinâmica de vida das usuárias, como estratégia para o rompimento do ciclo da violência. A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa por meio do grupo de reflexão, composto por profissionais de ambas instituições, realizado no dia 10 de setembro de 2011, respeitando todos os parâmetros éticos. O olhar técnico das profissionais evidenciou que as intervenções pautadas no respeito ao tempo emocional de cada mulher e no empoderamento repercutiram positivamente na dinâmica de vida das mulheres, contribuindo para o rompimento do ciclo da violência.

**Palavras-Chave:** Violência doméstica contra a mulher. Intervenção. Empoderamento. Cultura.

### **Abstract**

This article looks to discuss and understand the impact of attention services undertaken by the NGO “SOS Ação Mulher e Família”, and the “Center for the Support for Women” - CEAMO, in the city of Campinas / SP, Brazil, on the life dynamics of women victims of domestic violence, as seen by the professionals at both institutions. The paper attempts to show the point of view of the technicians concerning their actions, and interventions as they were applied for victims of domestic violence. Assessing impact on the dynamics of the users’ lives is a strategy to break the cycle of violence. The methodology used was qualitative research through a focus group, composed of professionals from both institutions, held on September 10, 2011, and conducted within the appropriate ethical standards. The view of the technical professionals was that interventions (with respect to the emotional state of each woman, and on her empowerment) reflect positively on the dynamics of the women’s lives, contributing to breaking the cycle of violence.

**Keywords:** Domestic violence against women. Intervention. Empowerment. Culture.

---

### **Carla da Silva**

Docente da Faculdade de Serviço Social da UNIFIA (Amparo) e da ISCA (Limeira). Assistente Social do Centro de Referência e Apoio a Vítima – CRAVI. São Paulo.

E-mail: carla\_servicosocial@yahoo.com.br

## Introdução

O contexto da violência doméstica contra a mulher desperta nas pessoas, e principalmente nos profissionais que atuam nesta área, a necessidade de compreendê-la, por se perceber que há um adoecimento de todos no espaço do lar. Idealizado como espaço privado, de refúgio, compreensão, proteção e respeito, esse lar acaba por se transformar, muitas vezes, em palco de destruição e de terror, causando em seus moradores sofrimento, dor, desespero e medo, em face das pessoas que deveriam exercer a cumplicidade e o amor. Desta forma, rouba-se uns dos outros o colorido da vida.

Entende-se por violência doméstica contra a mulher a manifestação das relações de poder historicamente desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, oriundas da ordem patriarcal arraigada em nossa sociedade, que perpetua a situação de ignorância e inferioridade da mulher como sendo um atributo natural, inerente a um papel social a ser desempenhado.

Conforme a definição da autora Saffioti (2007: 79-138), “a violência contra a mulher é constituída das relações entre homens e mulheres, construídas e fundadas historicamente na ordem patriarcal” e ocorre, em sua maioria, no âmbito doméstico e dentro das relações afetivas.

A violência doméstica contra a mulher<sup>1</sup> se tornou um grave problema de saúde pública e social, que persiste em pleno século XXI e merece total atenção, visto que apresenta uma frequência elevada, acarretando graves consequências para a vítima, família, comunidade e para a economia do país, no que tange aos gastos com serviços de saúde e com

1 Em razão da variedade de nomeações relacionadas à violência contra a mulher, neste estudo será adotada a expressão “violência doméstica contra a mulher”, tomando como elemento que a caracterize, as dimensões física, psicológica e sexual perpetrada pelo parceiro íntimo, na forma de cônjuge e ex-cônjuge, dentro das relações de afeto, ocorridos no ambiente doméstico. Heise (1995) considera que os resultados de estimativas de violência são, muitas vezes, de difícil comparação, em função, principalmente, da variedade de nomeações atribuídas à violência contra a mulher.

assistência social.

Para se ter uma ideia da expansão dessa realidade, na América Latina a violência doméstica contra a mulher incide sobre 25% a 50% das mulheres, e os custos com a violência doméstica são da ordem de 168 bilhões de dólares.<sup>2</sup>

No Brasil, a cada 15 segundos uma mulher é violentada (Pesquisa Perseu Abramo, 2001). Dos crimes contra a mulher, 70% acontecem dentro de casa e o agressor é o próprio marido ou companheiro. Ainda, 40% das violências resultam em lesões corporais graves decorrentes de socos, tapas, chutes, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos, impactando diretamente na economia, em aproximadamente 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto) – custos esses provenientes do sistema de saúde geral e da mulher, polícia, Poder Judiciário e órgãos de atenção e apoio à mulher que estão espalhados em todo o território brasileiro.

No Estado de São Paulo, 29% das mulheres que já tiveram relações íntimas com homens afirmaram que já foram vítimas de agressões físicas ou sexuais cometidas por um parceiro.<sup>3</sup>

No interior do Estado de São Paulo, em específico na cidade de Campinas, uma metrópole com cerca um milhão de habitantes, os índices de violência contra a mulher estão em elevação. Segundo os dados da Delegacia de Defesa da Mulher – DDM, em 2008 foram registradas 4.162 ocorrências de violência, contra 6.173 em 2009. Isso significa um aumento de 48% de Boletins de Ocorrência realizados na DDM.

A partir desses dados, podemos observar o quanto à violência é uma questão que ocorre independentemente do desenvolvimento econômico ou social de uma nação, estado ou município.

A violência presente nas relações de gênero é um sério

2 Pesquisa realizada pela data SUS e publicado pela Conferência Nacional de Saúde On Line, intitulado: A violência contra a mulher é também uma questão de saúde pública.

3 Pesquisa realizada pelo Centro Feminista de Estudos da mulher e Assessoria – CFMEA: 2007.

problema de saúde para as mulheres em todo o mundo. Para se ter como exemplo, a violência doméstica e o estupro são considerados a sexta causa de anos de vida perdidos por morte ou incapacidade física em mulheres de 15 a 44 anos – mais que todos os tipos de câncer, acidentes de trânsito e guerras. Assim, o reflexo desse problema é nitidamente percebido no âmbito dos serviços de saúde, seja pelos custos que representam, seja pela complexidade do atendimento que demanda (Heise, 1995).

Trata-se de números que alarmam, chocam, ocasionando dor e sofrimento à vítima e à sociedade. Todavia, esse pode ser um grito de socorro positivo, que mobilize planejamento e ações, oriundos das organizações públicas e privadas (ONG, OSCIP<sup>4</sup>, movimentos sociais) na busca de soluções viáveis para sanar os problemas decorrentes desta situação. Sem dúvida, exige ações em conjunto e condizentes com a realidade, voltadas tanto para a prevenção quanto para a atenção, com o objetivo único da coibição e erradicação da violência.

Para tanto, o combate à violência contra a mulher começou a ter visibilidade por meio das manifestações e reivindicações do movimento feminista, iniciado na década de 1970. As militantes se organizaram e criaram os SOS, tendo como objetivo oferecer à vítima-mulher um espaço de proteção, orientação e reflexão acerca da violência. Em 1986, foi criada a Delegacia de Defesa das Mulheres – DDM, fruto dessas reivindicações, o que possibilitou a garantia dos direitos das mulheres e a criminalização da violência. As DDM's se espalharam por todo o território brasileiro, se consolidando como uma das principais políticas públicas no combate à violência contra a mulher.

Paralelamente, o movimento de mulheres foi adentrando no território político e conquistando espaços importantes que repercutiram na inclusão do debate, na agenda pública, sobre as principais

demandas das mulheres, bem como a necessidade de uma instância em nível estatal responsável para atendê-las.

Nesse passo, em 2003 foi implantada a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres com o objetivo de propor, coordenar e executar políticas públicas para mulheres que contemplem a equidade de gênero. Foram criados, também, os Conselhos dos Direitos da Mulher em nível nacional, estadual e municipal.

Em 2006, a justiça reconhece como crime a violência doméstica contra a mulher, com a promulgação da Lei 11.340/ 2006, conhecida como Lei Maria da Penha. Posteriormente, foram criados os abrigos especializados para acolher e proteger as vítimas em situações de risco de morte, junto com seus filhos.

Concomitante a tudo isso, os SOS foram adquirindo experiências, e os serviços públicos reconhecendo a importância do atendimento às vítimas. Esse movimento possibilitou a soma da experiência do privado com a responsabilidade do poder público, formando os serviços de atenção à mulher vítima de violência.

O presente estudo busca discutir e compreender a repercussão das ações desenvolvidas nos serviços de atenção ONG SOS Ação Mulher e Família e no Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO, da cidade de Campinas/SP, Brasil, na dinâmica de vida da mulher vítima de violência doméstica. Sob o olhar das profissionais de ambas as instituições, que executam ações e intervenções diretamente com as vítimas de violência, tem-se como objetivo único desenvolver e construir estratégias de proteção e rompimento do ciclo da violência.

A ONG SOS Ação Mulher e Família e o Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO, OG<sup>5</sup>, foram escolhidos para essa pesquisa, por serem as únicas instituições na cidade de Campinas que trabalham com mulheres e suas famílias, vítimas de violência, além de possuírem equipes interdisciplinares e

4 ONG: Organização Não Governamental; OSCIP: Organização da Sociedade Civil de Interesse Pública.

5 OG – Órgão Governamental, público.

especialistas no que tange à especificidade das intervenções junto a esta população.

Cabe ressaltar que a ONG SOS Ação Mulher e Família nasceu do movimento feminista, em 1980 e, desde então, forma profissionais, atua e presta serviços neste contexto. Já o Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO é uma resposta estatal às lutas, reivindicações e conquistas das mulheres e do movimento feminista, tendo sido consolidado em 2002, através da Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social da cidade de Campinas. Atualmente, tornou-se referência em política pública específica para este segmento.

O SOS, assim como o CEAMO, por meio de suas equipes desenvolveu técnicas de intervenção que tentam acoplar todas as nuances da complexidade da violência, prestando acompanhamento sistemático às mulheres vítimas de violência doméstica, comportando a família como um todo, inclusive o agressor. Para tanto, utilizam-se de estratégias pautadas no empoderamento da mulher, entendendo que a vítima tem a capacidade individual ou coletiva de utilizar os seus próprios recursos para atuar com responsabilidade no espaço público, influenciando também o seu meio, resgatando, assim, sua cidadania e autonomia, enquanto sujeita da sua vida.

Cabe ressaltar a importância desse estudo por revelar os desafios, as conquistas, as angústias enfrentadas e o resultado do trabalho executado, como meio de aprimorar as técnicas e metodologias aplicadas, visando amenizar os impactos da violência na vida da mulher e de sua família.

O presente estudo utilizou-se da pesquisa qualitativa, por meio da técnica de grupo de reflexão, composto por três profissionais do CEAMO, sendo uma advogada, uma psicóloga e uma assistente social, e uma advogada do SOS. O grupo ocorreu na sede do CEAMO, com duração de duas horas, os relatos foram gravados e transcritos para análise, devidamente autorizados pelas depoentes, através do termo de consentimento livre e esclarecido.

## As técnicas de intervenções dos serviços de atenção

As equipes do SOS e do CEAMO delinearão os primeiros atendimentos prestados às usuárias pautados em dois pontos norteadores de ações posteriores.

O primeiro ponto é a percepção do estado físico e mental em que a vítima se encontra nesse primeiro momento. Essa investigação se baseia na coerência e consistência do relato e no comportamento apresentado.

Como a maior parte das mulheres que procuraram os serviços de atenção tem sua problemática ligada à relação de afeto, o segundo ponto consiste na identificação da codependência da mulher em relação à submissão ao homem e sua permanência no relacionamento, considerando fatores emocionais e sociais.

Uma pessoa co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas *carências*; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. Um relacionamento co-dependente é aquele em que o indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro, cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade. Chamarei de relacionamento fixado aquele em que o próprio relacionamento é objeto do vício (Giddens, 1992: 101).

Acredita-se que as mulheres que suportam a violência de seus parceiros por um longo tempo, estabelecem essa relação de codependência. Para Giddens (1992: 102), esse relacionamento fixado tem uma de suas causas na falsa impressão de segurança no parceiro, não sendo essa mulher capaz de se sentir segura fora dessa relação ou por si mesma. O autor complementa: “Os relacionamentos fixados em geral presumem uma divisão de papéis”.

Os fatores econômicos e sociais estão presentes nessa relação de codependência, sendo este, o ponto

crucial, pois a compreensão e identificação dessa situação requerem da profissional certos cuidados referentes à condução no atendimento primeiro e nos futuros.

Na maioria dos casos, a usuária tende a transferir a relação de dependência para a equipe, em busca de um porto seguro, no que se refere aos direcionamentos existentes para sua situação, tais como definições do seu lugar e, principalmente, tomadas de decisões, sem que tenha a preocupação e a responsabilidade nas soluções resultantes. É comum a vítima, ao se deparar com as diversas possibilidades para que escolha seu próprio modo a seguir, esperar pela solução externa, sem que tenha que tomar nenhuma decisão sobre a condução da sua vida.

Neste sentido, as duas equipes de atenção desenvolvem um trabalho de sensibilização para esclarecimento de que a função do atendimento é pautada na orientação e no direcionamento. Assim, a escuta qualificada possibilita apurar os recursos internos e externos de cada usuária, para criar mecanismos de orientação que enfatize pequenos detalhes, relatados e percebidos no decorrer do atendimento, como estratégia de fortalecimento e conscientização sobre a sua autonomia, enquanto sujeita da sua história e da sua vida.

Para eficácia e promoção de mudanças concretas nas condições de violência, principalmente em casos graves – crônicos,<sup>6</sup> o vínculo entre profissional e usuária é essencial para libertação da codependência e, conseqüentemente, das amarras da violência. Giddens explica: “A decisão de agir envolve, em geral, a garantia da ajuda de outras pessoas externas ao próprio relacionamento viciado, pois este é um

6 Casos considerados graves: Quando a mulher e sua família corre risco iminente de morte, sofreu ou sofre violências sexuais e físicas com ou sem lesão, tentativa de assassinato, ameaças de morte constantes, está presa ao controle psicológico do agressor, não tem rede de apoio (familiares, amigos e vizinhos), tem agravantes tanto por parte do agressor como da vítima (álcool, drogas, tráfico, antecedentes criminais e transtornos psiquiátricos) e é reincidente; Casos crônicos: Quando a mulher está há muito tempo exposta à violência, chegando ao ponto de naturalizar a violência sofrida - classificação elaborada pelo SOS e disponível em documentos na entidade.

modo fundamental para vencer a distância inicial e, também, de apoio” (1992: 104). Podemos afirmar que os serviços de atenção funcionam como ponte (suporte) que empodera a mulher para, assim, atravessar e conquistar sua autonomia e rescindir com o ciclo da violência.

A técnica do empoderamento é aplicada pelas duas instituições estudadas, compreendendo que essa ferramenta de intervenção proporciona a transformação na relação e na vida da mulher vítima de violência.

Empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir (Costa, 2008: 07).

O conceito de empoderamento – *Empowerment* surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos, na década de setenta. Segundo Costa (2008), o termo foi incorporado pelo movimento de mulheres na mesma época, na compreensão do empoderamento como meio de alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de submissão e subordinação das mulheres como gênero. Para as feministas, as mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais, tendo proporcionada, assim, sua libertação.

Tanto as profissionais do SOS quanto do CEAMO entendem que, para esse fim, as mulheres devem melhorar a autopercepção que têm sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão e despertar para os seus direitos. Para isso, o oferecimento de orientações e encaminhamentos pontuais não são suficientes, sendo necessária a intervenção contínua em todos os níveis – cultural, social e familiar.

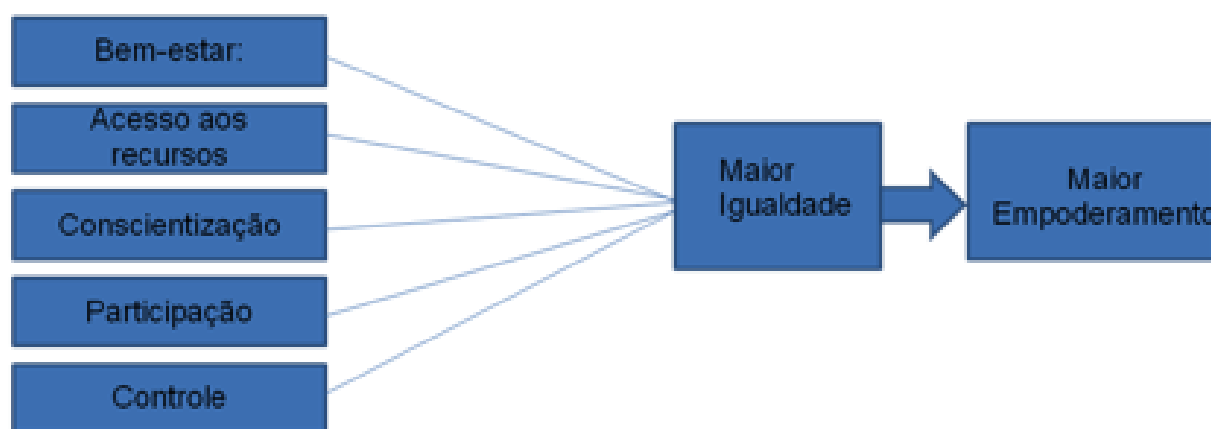
Para esse resultado, as equipes se utilizam do acompanhamento sistemático, baseado em atendimentos contínuos, realizado sempre por duplas



de profissionais de disciplinas diferentes. Com isso, são construídos, em conjunto com a mulher, planos de ação embasados nos parâmetros do empoderamento de Stromquist (apud, Costa, 2008), que são:

- Construção de uma autoimagem e confiança positiva;
- Desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente;
- Construção da coesão de grupo;
- Promoção da tomada de decisões;
- Ação.

Esse processo de avanço da mulher se dá através de cinco níveis de igualdade:



Segundo Ana Alice Costa, uma perfeita definição de empoderamento deve incluir os componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos.

O componente cognitivo refere-se à compreensão que as mulheres têm da sua subordinação, assim como as causas desta em níveis micro e macro da sociedade; envolve a compreensão de ser e a necessidade de fazer escolhas, mesmo que possam ir de encontro às expectativas culturais e sociais.

O componente psicológico inclui o desenvolvimento de sentimentos que a mulher pode por em prática a nível pessoal e social para melhora de sua condição, assim como a ênfase na crença de que pode ter êxito nos seus esforços por mudanças:

autoconfiança e autoestima são fundamentais.

O componente político supõe analisar o meio em termos políticos e sociais e o componente econômico supõe a independência financeira das mulheres.

Esses componentes são trabalhados pelas profissionais do SOS e CEAMO em dois níveis, individual e grupal.

Em nível individual, transcorrem nos atendimentos com aplicação de instrumentais<sup>7</sup> como, por exemplo, a anamnese, composta por história de vida pessoal, do agressor, intergeracional e de relacionamentos anteriores. Este instrumental é utilizado com o intuito de identificar padrões de repetição e, paralelamente, fortalecer a usuária através de apontamentos que foram positivos na sua trajetória de vida, reforçando,

assim, sua capacidade de superar e romper com a violência.

Em nível grupal, são abordadas questões sobre a cultura patriarcal, seus padrões de submissão, controle e machismo. Com esses grupos educativos as mulheres se encontram e percebem que seus problemas não são privados, e suas formas de educação aprendidas estão enraizadas na propagação da cultura patriarcal. Essa reflexão tem como objetivo desconstruir estereótipos de comportamento e, sucessivamente, propagar a possibilidade de mudança através de ações educativas.

Cabe ressaltar que as ações e intervenções

<sup>7</sup> Os instrumentais foram e são elaborados por cada equipe, ou seja, o SOS tem o seu roteiro assim como o CEAMO, esses dados foram colhidos, a partir da comparação em comum contido.

descritas foram construídas e aprimoradas a partir do diálogo direto com as mulheres vítimas de violência, transformando-as em protagonistas de suas próprias histórias de vida, com melhores condições emocionais, econômicas e sociais.

### **As repercussões das intervenções e a relação com tempo**

As muitas facetas da violência doméstica e o contraste entre o tempo da urgência e a necessidade da vítima são obstáculos e desafios para os profissionais dos serviços de atenção que ocupam, nessa trama, o papel de coadjuvantes, sendo as mulheres protagonistas e autoras de sua história de vida.

Aceitar esse papel secundário significa abdicar do tempo cronológico e passar a trabalhar com o ritmo interno de cada usuária, aprendendo a controlar a ansiedade e o desejo de resolver as questões, advindas dos atendimentos, de acordo com seus valores, estratégias ou verdades pessoais. Também, é importante que se passe a compreender que a violência é fruto da cultura patriarcal machista. Dessa forma, é certo que a cultura não poderá ser combatida isoladamente por meio de políticas, serviços, técnicas, entre outros, mas pela incorporação da força do empoderamento da mulher, diante da sua capacidade interna de se libertar do ciclo da violência e transformar sua vida, através de estratégias e caminhos traçados em conjuntos.

(...) a gente precisa aprender a lidar com a nossa ansiedade, é muito importante, porque no começo, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu me sentia mais ansiosa no sentido de achar que eu tinha que encaminhar, tinha que fazer e nada dava certo: os encaminhamentos que eu dava, nada, todo mundo que entra nesse trabalho acha que vai resolver. A gente achava que encaminhando para falar com a advogada, para ela fazer a separação ia resolver, mas aí a mulher não vinha, aí você ligava no dia seguinte ela dizia: não fui na advogada porque tive dor de barriga, dor de

cabeça, porque tinha outras prioridades – as prioridades delas são outras, não são as nossas (E-1).

A depoente demonstra a insegurança no início de entender as tramas da violência e as linhas de costura que se entrelaçam na colcha da cultura machista, que aprisiona e destrói o equilíbrio saudável da vida. O tempo da urgência da situação, o tempo da profissional e o tempo de resposta de maturação da vítima apresenta-se descompassado, reforçando assim, a impregnação dos papéis de gênero em nossas vidas. Esse relato elucida a necessidade de revelar a todos, independentemente de classe social, as tramas culturais, para assim, romper as linhas perversas e construir novas possibilidades de compasso entre os tempos, ressaltando o direito a igualdade.

O impasse entre o tempo e a complexidade da atuação em casos de violência, apresenta-se como um mal que precisa ser equilibrado.

(...) essa onda de esperar a vontade da mulher é muito angustiante. Dá aquela sensação de estar acumulando muita coisa, porque eu acho que essa sensação dos casos muito pesada, deixam a gente assim, meio exaurida, consome muita energia.

(E-2)

Às vezes o atendimento é tão angustiante, tão forte, que você não consegue fazer o relatório, tem que se distanciar daquela história, para depois você escrever, porque se não, é muita coisa. Às vezes tem que demorar uns dois dias para respirar, é bem estressante. (E-1)

A complexidade em se trabalhar com as questões da violência interfere na vida pessoal das profissionais, sendo necessário que pare as atividades para maturar e separar as histórias, gerando o sentimento de impotência e frustração. A falta de concretização do resultado do trabalho executado e a espera do tempo de ação de cada usuária contribuem para que esses sentimentos ganhem força entre as profissionais dos atendimentos.

(...) às vezes a gente nem vê que ela rompeu ciclo da violência, a gente não fica sabendo, a não ser quando

ela voltar para contar. Não é como o engenheiro que vai lá, projeta o prédio e ele vai ver pronto, ufa, acabei, olha aqui o resultado do meu trabalho. (E-4)

(...) isso que é interessante, nosso atendimento é de apoio, de conscientização, mas a ação depende exclusivamente dela, isso é angustiante. (E-2)

As profissionais perceberam que suas ações têm resultados, embora, não seja, no tempo da necessidade técnica, mas no tempo e na estratégia da usuária, essa percepção traz à luz as amarras da cultura, ficando claro o seu desfecho, enquanto intervenção.

Agora mesmo eu acabei de atender uma pessoa, que eu atendi há muito tempo atrás, ela nunca cogitou a possibilidade de romper o casamento dela, assim ela ficou uns dois anos sem vir aqui no CEAMO. Fazia dois anos que eu não a via, hoje ela veio e disse que se separou dele, mas assim, faz dois anos que eu não atendo ela. Não sei o que de repente aconteceu com toda aquela situação. Eu acompanhei ela uns três anos no atendimento. Ele veio, o autor de violência, ele quis vir, eu como profissional via claramente que tinha que haver uma separação, mas assim, quem sou eu para dizer e fazer isso, né? Chegou o tempo dela e aí ela realmente fez o seu tempo, hoje ela veio pra contar que se separou, o que será que rolou? Às vezes, no trabalho, você não vê o resultado imediato, nem naquele momento que você está acompanhando. Não é a primeira vez que aconteceu isso, já teve outras mulheres que aconteceu uma situação parecida. Quando ela resolveu se separar, ela disse que ficou com vergonha inclusive de procurar o serviço, porque como ela foi e voltou, foi e voltou, inclusive chegou ir à audiência litigiosa, chegou lá perante o juiz e não confirmou. Ela ficou com vergonha de voltar no serviço, aí, quando ela resolveu se separar de novo, ela disse: eu já sabia o caminho, não precisava mais vir no CEAMO para procurar nada, porque eu já sabia aonde eu tinha que ir. Então, ela veio um dia só para contar que ela tinha se separado, mas assim, ela já tinha deixado de vir no serviço há uns dois anos. Esperei dois anos para saber que deu certo, dois anos. (E-1)

A importância do vínculo entre técnica e usuária ultrapassou o comprometimento da mulher em voltar no serviço para contar que se libertou do ciclo da violência. Outra coisa que chama a atenção no depoimento é que durante o atendimento o desejo da vítima não era a separação. Com o término do acompanhamento e com o passar do tempo, as informações e as orientações obtidas ganharam consistência e, na hora que decidiu romper com enlace, foram utilizadas com eficácia. Esse caso demonstra o impacto positivo do trabalho prestado pelo serviço na dinâmica de vida da mulher vítima de violência.

A metodologia do empoderamento, aplicada pelas técnicas de ambas as instituições – SOS e CEAMO apresentam-se nos relatos das entrevistadas como uma estratégia com resultados positivos para o rompimento com o ciclo da violência, mesmo com impasse do tempo de resposta da usuária e da urgência.

Eu acho assim, a mesma característica que é fantástica, também é muito ingrata, nesse tipo de atendimento, que é exatamente você pegar a pessoa que não sabe decidir e ao invés de tomar a decisão por ela, você dá a base para que ela encontre a própria decisão. Isso é fantástico no atendimento, mas é muito ingrato, porque a gente espera, ela não vai tomar a decisão, o que a gente vai fazer? Não é a nossa vida, é a vida dela, então, ao mesmo tempo em que eu acho legal isso no atendimento, eu acho massacrante para quem atende. (E-2)

Na verdade, tanto o conhecimento do caminho para a libertação do jugo quanto a necessidade de respeitar a decisão contrária da mulher levam ao desgaste emocional do profissional. Entretanto “(...) só ela sabe o que se passa com ela, ela está vivendo aquele contexto. Outra coisa que eu acho jóia é que ela não é engessada a tomar uma única decisão, elas pensam em outras saídas”. (E-2).



Ao mesmo tempo em que as entrevistadas expõem suas angústias, relatam a importância do conhecimento das facetas da violência.

(...) eu também acho que a gente, conhecendo o ciclo da violência, dá para a gente entender um pouco da dificuldade da mulher em romper essa relação, como ela está dentro daquela relação afetiva, ora está bom, ora fica ruim, ela fica confusa, uma confusão mental mesmo. Nesse sentido, que decisão eu vou tomar, o que será que eu faço (...)? Entendendo o ciclo da violência, a gente sabe a dificuldade da mulher nessa relação, ela não sabe que rumo tomar, aí ela vai no serviço, e aí ela sabe que você vai falar para ela separar, então ela nem vem, para não ouvir você falar, “senão eu vou falar para a doutora que não quero mais me separar, e a vergonha, aí ela vai achar que eu gosto de apanhar”. A gente sabe disso e por isso respeita a opinião dela, mas ela não sabe até chegar aqui. (E-1)

Todas as entrevistadas apontaram a resolutividade de seu trabalho e a repercussão positiva na dinâmica de vida das mulheres atendidas.

(...) a mulher chega (no serviço) numa sala escura, ela não está enxergando nada, o que você faz, abre um monte de janelas, mas não tira ela da sala, ela continua no mesmo lugar. Agora você fala: você vai sair daí como você quiser, pela porta, pelo buraco ou pela janela, a estratégia é sua, se ela quiser ela fica lá, mas agora ela enxergou saídas, ela fica lá se ela quiser. (E-4) É assim, ela consegue, às vezes ele não toma providência nenhuma, mas a postura dela muda e a situação também porque é isso que faz a mudança, não é a polícia, o BO ou a prisão. É a postura da mulher no contexto da violência, quando ela conhece, é uma vitória, você percebe o entendimento que ela faz da situação. Nós temos esse papel de mostrar esse entendimento. (E-3)

Temos vários casos de sucesso que poderiam ser um grande fracasso, se a gente tivesse imposto nossa vontade. Mas como a gente não impõe, mas mostra o caminho e ela escolhe, é bem interessante, ela consegue sair do ciclo. (E-2)

Isso tem que ver como recurso, mas a mulher é que tem que ver nela os recursos internos dela para poder

acionar, nós só falamos para ela que ela pode, só fortalece. (E-1)

Cabe ressaltar que o trabalho, junto às vítimas, efetivado pelos serviços de atenção, apresenta resultados positivos, entretanto, os resultados esperados não são passíveis de mensuração numérica ou cronologicamente temporal. A mudança de postura dessa mulher é constatada na repercussão causada na dinâmica de vida, mesmo sendo aprimorada e digerida por anos.

A violência não é uma coisa estanque, não é somente alguma coisa que a gente ajuda a transformar, lá fora ela vai ter o mesmo ambiente, porque é cultural; socialmente, é uma questão de gêneros. Eu vejo nosso trabalho como um trabalho de formiguinha, como se fôssemos semeando pequenas sementinhas, mas se a transformação total da sociedade não acontecer, não vai acabar, iremos continuar semeando e colhendo os frutos da primeira semeadura. (E-2)

Embora tivéssemos encontrado muitos desafios expostos pelas participantes, sofrimentos com a violência institucional e o desgaste emocional, ocasionado pelo tempo da urgência cronológica e o tempo de amadurecimento da mulher, nenhum desses impasses foi capaz de destruir a esperança de acreditar em um mundo novo, onde todos podem viver em paz e harmonia.

A transferência da análise individual, privado para o público - sociedade, possibilitou às depoentes um encontro com a realidade em transformação, sendo construída e composta por cada uma delas. Esse é um saldo positivo do trabalho que está sendo executado nos serviços de atenção de Campinas.

Podemos concluir que o desafio está em aprender a equilibrar os tempos para, assim, se entender que as amarras são entrelaçadas com fio cultural, portanto, passíveis de serem desfeitas e reconstruídas. Para isso, as profissionais necessitam de cuidados, que passam a rotina de trabalho, elevando-as para um

patamar de separação entre o que é possível de ser feito e orientado e o que depende do tempo do outro resolver. Entretanto, os trabalhos executados pelas técnicas são capazes de gerar mudanças concretas, visíveis e invisíveis na vida das vítimas, alçando voo mais longe, com pequenas mudanças na cultura patriarcal e machista. Como descrito, as profissionais cumprem um papel de “formiguinha”, cada uma executando sua tarefa, mas que juntas constroem rachaduras no “grande formigueiro”.

---

### Referências

- BRASIL, Presidência da República. (2006). *Lei 11.340/2006, de 7 de agosto de 2006*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> Acessado em: 10/10/2010
- COSTA, Ana Alice. (2008). *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. Disponível em: <[http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos\\_pdf/Empoderamento.pdf](http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf)>. Acessado em: 01/02/2010.
- CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS DA MULHER E ASSESSORIA – CFMEA. (2007). *Dados sobre Violência Contra as Mulheres no Brasil e no Mundo*. Disponível: <<http://www.cfmea.org.br/violencia/artigosetextos/detalhes.asp?IDTemasDados=38>>. Acesso em: 01/02/2010.
- GIDDENS, Anthony. (1992). *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução: Magda Lopes. 4ªed. São Paulo: Fundação Editora UNESP.
- HEISE, Loire. (1995). “Gender-based abuse: The global epidemic”. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 10, p. 135-145. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a09.pdf)> Acessado em: 01/02/2010.
- PESQUISA PERSEU ABRAMO. (2001). Disponível em: <[www.especiais.com.br/pesquisa\\_abramo.pdf](http://www.especiais.com.br/pesquisa_abramo.pdf)>. Acessado em: 02/02/2010.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. (2007). *Gênero, Patriarcado, Violência*. 1ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.